

FRANKENSTEIN

Uma história de
Mary Shelley

Contada por Ruy Castro
Ilustrada por Odilon Moraes

32ª reimpressão

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 1994 by Ruy Castro
Copyright das ilustrações © 1994 by Odilon Moraes

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Titulo original:

Frankenstein, or the modern Prometheus

Capa:

Silvia Massaro

Ilustração da capa:

Odilon Moraes

Retrato de Mary Shelley

por Amelia Curran

Preparação:

Marcos Luiz Fernandes

Revisão:

Ana Maria Barbosa

Carmen S. da Costa

Atualização ortográfica:

2 estúdio gráfico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shelley, Mary, 1797-1851

Frankenstein / uma história de Mary Shelley; contada por
Ruy Castro ; ilustrada por Odilon Moraes — São Paulo :
Companhia das Letras, 1994.

ISBN 978-85-7164-398-7

I. Ficção inglesa I. Castro, Ruy, 1948- II. Moraes, Odilon.
III. Título.

94-2522

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura inglesa 823

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702. cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1

Narrativa de
Victor Frankenstein,
estudante de química,
biologia, filosofia
natural e anatomia



Como pode o verme ser o herdeiro das maravilhas de um olho ou de um cérebro?

Era o que eu pensava enquanto me debruçava, com um misto de nojo e fascínio, sobre os corpos em decomposição no laboratório. Nenhum prazer da juventude me deixaria tão realizado quanto a tarefa a que eu me entregara.

Dois anos antes, quando fiz dezesse- te anos, meu pai, Alphonse Frankenstein, me mandara para a universidade de Ingolstadt, no Sul da Alemanha. Já me apaixonara por química no colégio em Genebra, mas ele achou importante que eu completasse os estudos fora da Suíça. E foi em Ingolstadt, ao assistir às aulas de *herr* Waldman, que passei a admirar os velhos alquimistas.

Certo dia, ele falou de Cornelius Agripa e Paracelsus, os cientistas visionários do século XVI, comparando-os a nossos contemporâneos do século XVIII.

“Os cientistas antigos procuraram o elixir da vida eterna, a pedra filosofal e outras tolices. Eles prometeram o impossível e não o realizaram”, disse o professor. “Os mestres de nosso tempo prometem pouco, mas podem fazer muito — graças aos antigos. Ao buscar essas quimeras, eles penetraram nos esconderijos mais secretos da natureza e nos mostraram como ela funciona. Descobriram como o sangue circula e de que é composto o ar que respiramos. Por causa deles, nós, os cientistas de hoje, dispomos de poderes quase ilimitados. Podemos dar ordens ao trovão, imitar o terremoto e até zombar do invisível. Nem sempre somos compreendidos. Mas as invenções do homem de gênio, por mais absurdas que pareçam a princípio, sempre trazem benefícios para a humanidade.”

As palavras de *herr* Waldman me deixaram profundamente impressionado. Não consegui fechar os olhos aquela noite. Tudo dentro de mim parecia em estado de insurreição. O dia raiou e finalmente dormi. Mais tarde, quando acordei, meus pensamentos eram mágicos e confusos como um sonho. Eu iria descobrir algo que faria a humanidade dar passos de gigante. Mas o quê?

Enquanto não tinha a resposta, resolvi que o melhor seria dedicar-me fervoro-

samente a certos estudos para os quais me julgava predestinado: química, biologia, anatomia, filosofia natural. Neles eu encontraria o que procurava. E assim terminou um dia memorável para mim.

Como poderia adivinhar que aquele sonho traçaria meu terrível destino?



Pelos dois anos seguintes, atirei-me aos livros e às pesquisas com um fanático entusiasmo. Não fui a Genebra uma única vez visitar minha família: meu pai e meus dois irmãos, Ernest e o pequeno William — cujo parto custara a vida de minha mãe —, nem mesmo minha noiva, Elizabeth, de quem recebia cartas apaixonadas. Eles compreendiam minha ausência e se orgulhavam de mim.

Meu melhor amigo em Genebra, Henri Clerval, viera comigo para Ingolstadt, para dedicar-se a seus estudos de línguas orientais, poesia e literatura. Éramos como irmãos, ligados por uma admiração e um afeto recíprocos. Mas, aos poucos, eu não teria tempo nem mesmo para Henri.

Um fenômeno que me fascinava em meus estudos era o da estrutura do ser humano e de qualquer animal vivo. Eu me perguntava: de onde vem o princípio da vida?

Sabia que esta era uma pergunta ousada — e que os grandes cientistas talvez tivessem preferido conservar como um mistério. Mas quantas perguntas não estaríamos a ponto de responder se a covardia ou a preguiça não restringisse nossas investigações?

Concluí que, para descobrir as causas da vida, temos de recorrer à morte. Eu precisaria entender por que o corpo humano envelhece, decai e finalmente se degrada com a morte.

Desde a infância, meu pai se certificava de que eu não me impressionasse com horrores sobrenaturais. Não me lembro de jamais ter tremido ao ouvir uma história de assombrações ou de temer a aparição de um espírito ou fantasma. A escuridão não me assustava e, para mim, um cemitério era apenas um receptáculo de corpos privados de vida — os quais, depois de terem sido os troncos da força e da beleza, não passavam agora de comida para os vermes.

Decidido a examinar as causas e a evolução da degeneração do corpo, for-

cei-me a passar dias e noites no necrotério da universidade, praticando autópsias. Minha atenção se fixava nos mínimos detalhes, por mais repulsivos e insuportáveis que pudessem ser para a delicadeza dos sentidos humanos.

Aprendi como a morte destrói minuciosamente o que havia sido, até há pouco, um rosto rosado e sadio. Observei como estruturas maravilhosas, que tornam o homem uma criação insuperável, degradavam-se e transformavam-se em carniça para seres minúsculos, indignos daquela complexidade.

Dediquei-me a observar como a vida se transformava em morte e a morte em vida — até que, no meio daquelas trevas, uma luz subitamente se impôs aos meus olhos. Uma luz tão esplendorosa e, ao mesmo tempo, tão simples que me deixou tonto com a imensidão de suas possibilidades. Era assustador — porque, entre tantos gênios que haviam se dedicado àquelas pesquisas, a mim somente parecia destinada a descoberta de um segredo tão impressionante.

Veja bem: esta não é a narrativa de um louco — ou, pelo menos, eu não estava louco... ainda. O sol não brilha mais no céu do que a verdade do que irei afirmar. Minha descoberta pode ter sido um milagre, mas os estágios em que ela se deu

foram absolutamente distintos, em dias e noites de trabalho e fadiga quase intoleráveis, e podem ser descritos passo a passo.

Descobri como e por que a vida é gerada.

Mais impressionante ainda: tornei-me capaz de dar vida à matéria inanimada — de transformar a morte em vida.

Posso ver, pela ânsia e esperança em seus olhos, que você espera ser informado do segredo ao meu alcance. Mas não — ainda não. Ao fim da história, você entenderá.

Quando me dei conta do terrível segredo que tinha em mãos, hesitei longamente sobre como deveria empregá-lo. E decidi-me pela criação de um homem — a repetição de uma façanha só desempenhada até hoje na aurora da Criação.

Embora eu possuísse a capacidade de dar vida à matéria morta, o trabalho de preparar uma estrutura para recebê-la, com seu intrincado complexo de fibras, músculos e veias, parecia de uma magnitude e dificuldade inconcebíveis.

Duvidei, a princípio, se deveria atrever-me a criar um ser à minha semelhança ou se deveria limitar-me a algo mais

simples, como um gato ou um cão. Mas estava excitado demais para me permitir dar vida a um animal menos complexo e maravilhoso do que o homem.

Preparei-me para uma infinidade de derrotas. Seriam milhares de cirurgias a executar. Muitas delas iriam resultar frustradas e, no final, talvez meu trabalho saísse imperfeito. No entanto, quando pensava nos progressos diários feitos pela ciência, eu me lembrava das palavras de *herr* Waldman: minha tentativa no mínimo prepararia o terreno para que, no futuro, alguém fosse bem-sucedido.

Foi com esses sentimentos que me decidi pela criação de um ser humano.

Como a extrema minúcia das partes do organismo pudesse ser um obstáculo à ansiedade de contemplar a minha criação, decidi construir um ser de estatura gigante — de 2,5 metros de altura, com todos os órgãos proporcionalmente grandes. Isso resolvido, atirei-me ao trabalho em minha casa nos arredores de Ingolstadt, perto da floresta. Transformei um quarto em laboratório, separado dos outros aposentos por corredores e por uma longa galeria. Pelos dois anos seguintes, convivi ali, sozinho, apenas com minha

criatura — ou com as partes mortas e inanimadas com que ela estava sendo construída.

Ninguém será capaz de imaginar as sensações que me impulsionaram em minha tarefa. A vida e a morte pareciam-me limites imaginários, os quais eu romperia para jogar uma torrente de luz sobre o nosso mundo de sombras. E o resultado seria glorioso: uma nova espécie de homens me abençoaria como o seu Criador.

Seres felizes e benevolentes deveriam sua existência a mim. Nenhum pai exigiria tanta gratidão de um filho quanto eu mereceria deles. E, não apenas isso, eu também devolveria a vida a mortos queridos, que se tivessem ido cedo demais. Eu, Victor Frankenstein, seria o anjo da sua ressurreição.

Foram esses pensamentos que me estimularam enquanto eu me atirava ao trabalho e me esquecia do resto. Os dias e noites em claro, meses a fio, deram a meu rosto uma preocupante palidez. Meu corpo, confinado aos limites estreitos do laboratório, tornou-se uma lembrança do que era. Muitas vezes, quando me julgava na iminência de resolver um problema complicado, como dar vida a um feixe de nervos ou devolver a luz a um olho, eu fracassava. Então me agarrava à esperança

de que, no dia seguinte, triunfaria — o que inevitavelmente acontecia.

Mas quem poderá conceber os horrores dessa obra secreta, cuja grandeza só era igualada pelos atos da mais baixa e fria desumanidade que, em nome da ciência, eu era obrigado a cometer?

Muitas vezes arrombei e penetrei em túmulos, em busca de material fresco para minha criação. Esses corpos que, aos meus olhos, ainda pareciam conter centelhas de uma vida tão recentemente extinta foram profanados por minhas mãos e meus instrumentos.

Carnes que até há pouco haviam abraçado e se deixado abraçar por seus parentes e amigos jaziam clandestinamente sobre minha mesa, prontas para melhor uso. Aprendi a conviver com cheiros comparados aos quais a carniçaria teria o buquê de um perfume.

A sala de dissecação da universidade e o próprio matadouro local foram por mim invadidos à procura de ossos e vísceras, e apenas a Lua era testemunha de minhas voltas furtivas para casa, sobraçando aqueles horrores. Muitas vezes torturei animais vivos, tentando — e conseguindo — roubar-lhes a chama que eu iria emprestar ao barro ainda informe à minha frente.